



CRÔNICAS



2019

COTIDIANO
LEITOR

CRÔNICAS



2019

COTIDIANO
LEITOR

Governador do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário de Estado da Comunicação Social e da Cultura

Hudson Roberto José

Diretor-Geral da SECC

Fabrizio Ferreira

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Ilana Lerner Hoffmann

Coordenadora de Ação Cultural e Economia Criativa | SECC **Mariana Souza Bernal**

Assessoria de Comunicação | SECC

Paulo Roberto Ferreira de Camargo

Assessoria de Desenho Gráfico | SECC

Rita Solieri Brandt

COTIDIANO LEITOR

Coordenadora do projeto

Milena Alves

Produção executiva

Instituto Dom Miguel

Design Gráfico:

Nexo Design

Ilustrações

Naotake Fukushima

Revisão

Marjure Kosugi

AUDI DO BRASIL

Presidente & CEO

Johannes Roscheck

Diretor de Sustentabilidade

Roberto Braun

Coordenador de implementação

Rafael Machioni

Suporte técnico e implementação

Vinicius Chequer

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, ARTE & CULTURA DOM MIGUEL

Direção de produção

Grimalda Amorim

Lucas Buchile

Diretora financeira

Camila Lemes

PRODUÇÃO EXECUTIVA



APOIO



PREFEITURAS MUNICIPAIS

REALIZA O



PELLL

PLANO ESTADUAL DO LIVRO
LEITURA E LITERATURA
DO PARANÁ



CRÔNICAS



2019

COTIDIANO
LEITOR

CURITIBA
2019

Todos os direitos dessa edição reservados:

Rua João Schleder Sobrinho, 668
82540-060 – Curitiba – PR
Bairro Boa Vista
Tel.: (41) 3023-3774
www.editorainsight.com.br
contato@editorainsight.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Instituto Dom Miguel

Crônicas cotidiano leitor / Instituto Dom Miguel ; ilustrado
por Naotake Fukushima. - Curitiba, PR : Insight, 2019.
96 p. : il. ; 15 x 15 cm.

ISBN 978-85-62241-81-9

1. Crônicas brasileiras. I. Título. II. Fukushima, Naotake.

CDD (22ª ed.)
B869.45

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, TOTAL OU PARCIAL, POR QUALQUER MEIO,
SEM EXPRESSA AUTORIZAÇÃO DOS AUTORES

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2019

APRESENTAÇÃO

Esta antologia de crônicas é uma publicação do projeto Cotidiano Leitor, realização da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, com o reinvestimento da Audi do Brasil. Em parceria com a Biblioteca Pública do Paraná, as ações do projeto acontecem em sete municípios: Almirante Tamandaré, Araucária, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara e São José dos Pinhais. A produção executiva é do Instituto Dom Miguel.

Com ações de incentivo à leitura e à literatura, o projeto promove a democratização do acesso ao livro, estimula o interesse por narrativas literárias e contribui para a formação de uma sociedade leitora.

As obras que compõem este livro foram selecionadas a partir de um concurso literário com o tema “cotidiano leitor”. A crônica é democrática, acessível, abrange todos os assuntos e se encaixa bem em jornais, revistas, livros, blogs e até redes sociais. Nosso país tem uma tradição de grandes cronistas, que habilmente fizeram e fazem do dia a dia uma inspiração de reflexões sobre a vida.

Os textos vieram de diferentes partes do Estado, tanto de escritores experientes quanto de iniciantes, com bagagens variadas e sotaques de diversas regiões. A ação dialoga com o Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), que tem como um dos objetivos o estímulo à criação, à produção e à circulação da produção literária do Paraná.

Esperamos que esta antologia possa impulsionar o surgimento de novos escritores e leitores do gênero e que contribua com a meta do Cotidiano Leitor: espalhar a leitura pela rotina das cidades.

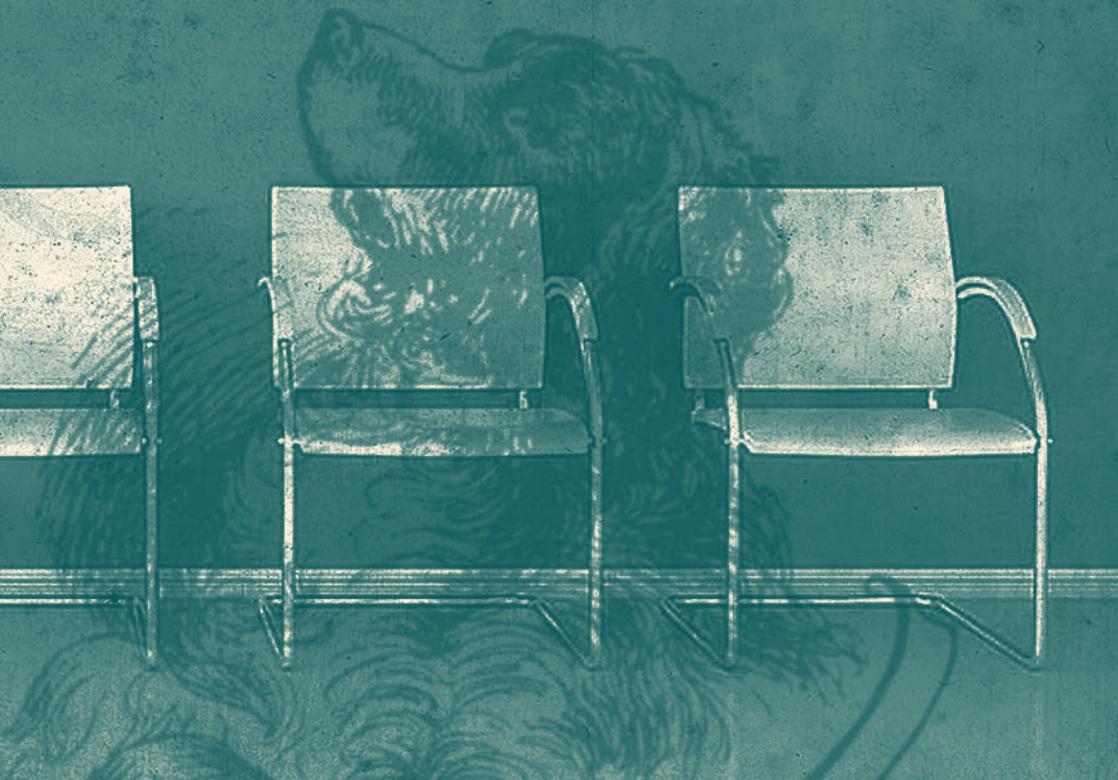
SUMÁRIO

TEXTO DE APRESENTAÇÃO	5
A ENTREVISTA	11
<i>Gustavo Vazquez Ramos</i>	
AGATHA CHRISTIE	19
<i>Ross Vieira</i>	
BICHO	27
<i>Adriana Barretta Almeida</i>	
CONTEMPLAÇÃO.....	33
<i>Gustavo Vazquez Ramos</i>	
ELAS E EU, EU E ELAS.....	43
<i>Ana Lúcia</i>	
MISTÉRIO DOS NOVENTA ANOS	53
<i>Laura Luz</i>	
SEU ELIZEU	61
<i>Leomir Bruch</i>	
SOBRE CATADORES E CONTADORES	69
<i>Ross Vieira</i>	
SOBRE VOCÊ.....	75
<i>Laura Luz</i>	
UMA PESSOA LÊ O JORNAL	83
<i>Gustavo Vazquez Ramos</i>	
AUTORES	89

A



ENTREVISTA



A ENTREVISTA

Gustavo Vazquez Ramos

Em breve serei entrevistado em um programa de uma emissora local. Um grande momento... minha primeira vez à frente das câmeras! Estou na sala de espera, fazendo essas anotações. Assim o tempo passará mais rapidamente (espero). Cansei de olhar as fotos de entrevistas antigas nas paredes, deram para nós alguns refrigerantes, bolachas. Há outros aqui comigo, tão nervosos quanto eu. Um adestrador de poodles, uma mulher que faz maquiagens usando temperos alimentícios (cúrcuma, páprica etc.), um ex-policial que abandonou a força, pois achava a profissão muito violenta... quero dizer, nada que eu já não tenha visto antes. Até mesmo o poodle amestrado, havia um senhor que antigamente ficava na

praça perto da minha casa com seu cachorrinho, o animal pulava arcos, tocava um piano infantil...

Nem eu sou original. Falarei sobre Machado de Assis. Escrevo livros, contos, alguém os leu, notou a influência, me convidaram. Mas que importa? Estou aqui! Todas as minhas ambições convergiram a essa noite... Ambições, e confesso que a maior nem é escrever o mais importante livro em língua portuguesa de todos os tempos. Isso estaria em sexto, sétimo lugar. Ambição primeira: sobreviver com a venda dos meus livros. E aparecer na televisão é um degrau para alcançar isso. Inúmeras casas irão receber as imagens, pessoas, que jamais ouviram falar de mim, irão me ver... preciso ser expressivo! Não posso tropeçar nas palavras!

Tudo bem, estou tranquilo. A única coisa que me perturba, levemente, é a possibilidade de algo muito grande ocorrer durante minha entrevista – digamos, o início da Terceira Guerra Mundial, uma bomba lançada por um país explodindo em outro, naves alienígenas, zumbis... quero dizer, interromperem a programação para passarem essa notícia. Um artista de novela morrendo naquele instante... algo realmente grande (para os padrões da televisão). Sorte que o progra-

ma é à noite, o mundo sempre é mais pacífico à noite, menos coisas acontecem. Eu mesmo poderia estar em casa, com minha esposa, mas que grande passo este: ser entrevistado na televisão.

Alguns minutos atrás vieram tomar alguns dados meus. Quais livros escrevi, qual é o meu favorito, minha idade e formação. Serei o convidado seguinte ao adestrador de poodles. A propósito, admito que muito me decepcionou: o cachorro que ele carrega é branco, e sempre achei que um poodle digno de aparecer na televisão, pois bem, vou dizer sem rodeios: é necessário que ele seja rosa. Talvez a maquiadora possua algum tempero que pudesse tingir o animal. Um poodle branco, mesmo que toque piano e faça piruetas, não é a mesma coisa.

Esses bichos de estimação, que importância tomaram na sociedade. Substituindo a vida rural: as vacas, carneiros. E ainda os filhos, para alguns. Mas eu fui daqueles que escapei de ambos – de filhos e de animais de estimação.

Ainda faltam alguns minutos. Há uma televisão aqui, estou vendo o programa que antecede o das entrevistas. É um documentário sobre pessoas que vivem no deserto do Atacama. Olho pela janela.

Nenhum zumbi, nenhum alienígena que pudesse subverter o mundo e interromper a programação usual. Embora eu não fosse sair daqui por nada! Depois da entrevista, tudo bem – podem me devorar na saída. Mas, antes do grande momento, jamais. Me sinto seguro aqui.

Mesmo assim parei de escrever por um momento e olhei porta fora. No corredor, tudo vazio. Nenhum barulho. Eu sempre havia pensado que estações de televisão fossem muito movimentadas, com pessoas correndo de um lado a outro, carregando pedaços de cenário, indo da sala de edição à sala de gravações, atores atabalhoados com suas vestimentas... mas não ali, não naquela hora. Talvez, excetuando o programa de entrevistas, tudo já havia sido gravado anteriormente, anos atrás... novelas, programas de auditório... mesmo esse documentário sobre o Atacama parece ser antigo. Tanta coisa que vemos na televisão e nos parece atual e, na verdade, foi gravada décadas atrás, talvez nem exista mais...

Fico pensando sobre o que falarei sobre o Machado. Não sou nenhum especialista, há professores universitários que sabem muito mais, compreendem as minúcias. Eu confesso que nem li todos os livros do autor. Não que alguém vá perguntar sobre *A mão e a luva*.

Alguns dados gerais, o primeiro livro que li dele (foi *Quincas Borba*). Entra na sala uma mulher da emissora e chama a maquiadora, será a primeira. Depois o adestrador de poodle, depois eu. E é tudo rápido, mal a maquiadora deixa a sala, olho para a televisão e lá está ela. Sempre pensei que essas coisas demorassem mais, que fôssemos ficar em uma outra sala, que seríamos, inclusive, maquiados. Não consigo prestar atenção na entrevista. O nervosismo que sinto, somado ao do adestrador, é enorme. Nos olhamos, tentamos sorrir. Nem sei o que dizer. Será que essa entrevista ajudará na venda dos meus livros? É o que mais desejo.

Vou à janela. Tudo tranquilo. Não irá sequer chover. Volto à mesa, o adestrador não está mais lá – está na televisão. Impliquei pelo poodle ser branco, mas foi tolice minha: ele é incrível! As piruetas, o jeito que equilibra no focinho um bambolê. Minhas mãos estão tremendo. Me seguro na cadeira, não sinto o chão sob os meus pés. Até escrever é difícil. Preciso respirar.

Ouçõ o meu nome. É hora de ir.



AGATHA



CHRISTIE

AGATHA CHRISTIE

Ross Vieira

Primeiro de janeiro de dois mil e dezenove. O almoço está sendo servido à beira da piscina, a conversa está animada e todos parecem divertir-se muito.

Dona Beja aproxima-se de nossa mesa e, com seu jeito habitual, começa a participar da conversa. Só frivolidades, como é de se esperar num hotel de águas termais, para onde todos vão com a intenção de descansar e esquecer as atribulações do dia a dia. No meio da conversa reparei que dona Beja usava um par de sandálias iguais às que eu acabara de comprar para usar durante a viagem. Salto baixo, prateada, linda! Reparo que dona Beja, do alto de seus oitenta e poucos anos, ainda é uma mulher vaidosa e caprichosa.

O almoço termina e o grupo dissipa-se. Algumas pessoas vão passear pelas instalações do hotel, os mais velhos recolhem-se para descansar e as crianças, como sempre, não perdem o pique e continuam brincando.

Resolvo tirar o maiô e colocar uma roupa confortável e fresca pois o calor está grande. Tomo um banho e coloco meu vestido xadrez, sem mangas, bonito e fresco e lembro-me da minha sandália prateada, aquela igual a de dona Beja, que combinaria muito bem com ele.

Cadê?! Procuo junto aos outros calçados e não encontro. Embaixo das camas, no banheiro e nada. Onde estaria?

Sento-me na cama e um pensamento começa a se formar. Aquela sandália de dona Beja era igualzinha à minha. Dona Beja era a dona do hotel. Teria acesso aos quartos? E se ela fosse dessas velhinhas com ares de vovó, delicada, prestativa e boazinha só do lado de fora da casinha de chocolate?

Lembro-me dos livros de Agatha Christie e começo a tentar adivinhar como foi o crime. Todos os hóspedes do hotel encontram-se à beira da piscina esperando o almoço ser servido. Dona Beja pega as chaves dos quartos, aquelas que as camareiras usam para limpá-los, que, a esta altura, já estariam limpos, e resolve começar pelo corre-

dor de baixo. Entra de quarto em quarto, carregando uma sacola tipo de praia, e escolhe, em cada um, alguma coisa que lhe agrade.

Entra no 215, que é o meu, e encontra no chão, junto à cama, o meu par de sandália, prateada, linda. Coloca-o na sacola e sai do quarto trancando-o novamente.

Como já está ficando tarde dona Beja resolve dar fim à sua aventura e subir ao seu quarto. Guarda os objetos roubados em seu armário e arruma-se para o animado almoço, mas, antes de descer, coloca as MINHAS sandálias que combinam muito bem com seu vestido azul de flores miúdas e que a deixa com ar de vovó. Comparece ao almoço parecendo uma bondosa senhora sem que ninguém desconfie de nada.

Meu Deus, quanta imaginação! Continuo sentada na cama, agora começando a suar frio e a ter palpitações. Se tudo isso for realmente verdade, como vou provar? Como vou dizer aos outros que aquela senhora, que mais parece a vovozinha da história Chapeuzinho Vermelho é na verdade a bruxa que quer comer João e Maria? Não pode ser. Não vou poder acusá-la. É melhor procurar direito.

Levanto e volto a olhar por tudo, cada vez mais incomodada com a ideia de ter que denunciar aquela velhinha, até que a visão das minhas sandálias pousadas no chão, no canto do quarto, atrás das cortinas, põe fim à minha aflição.

Que alívio!

Coloco as sandálias e saio toda contente. Ela é mesmo uma vovó.



A teal-tinted photograph of a traffic light. The traffic light is the central focus, with its three lenses visible. The image is heavily textured with a torn paper effect, with many small, irregular white and light-colored fragments scattered across the teal background. The word "BICHO" is printed in a bold, white, sans-serif font across the middle of the traffic light. The background shows a blurred street scene with a building and a person walking.

BICHO

BICHO

Adriana Barretta Almeida

*O bicho não era um cão, Não era um gato, Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(Manuel Bandeira)*

Sim, o trânsito de Curitiba. Como paulistana, não teria nenhum direito de reclamar, suponho. Ora, se vim para cá fugida exatamente daquele monstro de cauda longa e milhares de olhos vermelhos, o ser faminto que devorava minhas noites nas marginais da pauliceia.

Então não reclamo. Porque aqui em Curitiba o trânsito atravancado não chega a ser um monstro. Às vezes chega até como uma pausa no fim do dia, um lembrete para que a gente olhe melhor os detalhes da cidade. Devagar o carro anda, engata primeira, freia, abre o

sinaleiro (aprendi que não é farol, mas ainda me causa cócegas essa palavra), fecha o sinaleiro, passa um, passa dois, passa boi, passa boiada. E nesse ritmo a gente repara na vida. Um grafite no muro, uma árvore florindo à luz do fim da tarde. Uma casinha de madeira, um jardim simpático. Um homem revirando o lixo.

Um homem revirando o lixo. Pois era essa cena vergonhosamente comum que naquele dia estava alguns metros à minha frente. Nossos olhos anestesiados a essa dor diária de tanta gente. Que privilégio triste anestésiar os olhos; triste e cruel. No estômago de quem tem fome anestesia não pega. Mas algo na avidez daquele homem atravessou meus tecidos adormecidos para atingir qualquer nervo sem nome na minha epiderme. E seus gestos meio desesperados me doeram a dor de Bandeira. A dor que nunca deveria ter parado de doer.

Abre o sinaleiro, ando um pouco, fecha o sinaleiro. Os traços do homem ganham mais definição com a proximidade. Posso ver que ele busca alguma coisa que está provavelmente coberta por outros detritos. Revira o lixo com determinação. Minha curiosidade se junta à minha dor. Observo o homem, agora mais de perto, com receio de ser vista na minha indiscrição. Mas ele não tira os olhos do seu objetivo.

E eis então que, com um quase sorriso no rosto, ele levanta seu objeto de desejo, sujo e despedaçado, como um troféu de ouro. Aquele homem não buscava comida. Não para seu estômago.

Um livro. Com os braços esticados em frente ao seu rosto, ele contempla o resultado de sua busca. Um livro. A fome, a outra fome. De humanidade.

O sinaleiro abre mais uma vez, e os carros de trás empurram meu desejo de abrir minha porta, abandonar o carro e ficar por ali. Mas as buzinas ordenam que eu vire a esquina para nunca mais.

Manuel me acompanha durante todo o trajeto. Não era um bicho, meu deus. Era um homem.



CON



TEMPLAÇÃO

CONTEMPLAÇÃO

Gustavo Vazquez Ramos

Bia despertou no meio da noite. No quarto ao lado, seus pais dormiam. Tudo estava em silêncio; até mesmo para ouvir os insetos no jardim era necessário se concentrar, tentar buscar aqueles sons distantes. Com o tempo, os olhos da garota se acostumaram à escuridão. Conseguia ver os móveis de seu quarto, *O pequeno príncipe* sobre sua escrivaninha, alguns brinquedos que havia deixado jogados ao chão... desde que ela se lembrava havia dormido ali, naquele quarto. Conhecia-o tão bem quanto a palma de sua mão.

Voltou a fechar os olhos, virar no colchão, mas não demorou para notar que não voltaria a dormir tão cedo – sentia-se desperta como se fosse o raiar do dia. Inicialmente chateada com isso (afinal, o que

faria para passar o tempo?) não demorou para se perder nos mais diversos pensamentos. Sua família, amigos, deveres, diversões, tudo parecia dançar em sua mente, indo e voltando, ocasionalmente parando em alguma questão que se ressaltava com maior importância.

Uma delas foi o fato de estar com nove anos e ser filha única. Quando perguntava aos pais o porquê disso, nenhuma resposta parecia satisfatória. “Destá forma podemos cuidar melhor de ti” ou “sua mãe já não tem idade para ter outro filho”. Tantos amigos seus tinham irmãos e irmãs, enquanto outros eram como ela, e parecia que as coisas eram assim, algo que acontece com uns e não com outros. Nascer menina ou menino, ou ter um nariz de certa forma, uma certa cor do cabelo... são fatos que acontecem, por razões que ela ainda não compreendia. Talvez, um dia, tudo ficasse mais claro.

Lembrou-se do livro que lera naquela noite: *O pequeno príncipe*. Encontrara na biblioteca de seus pais. Entre todos aqueles livros sérios, sem uma única figura, estava aquele: na capa, um garoto sobre um planeta. Ele vivia lá, sozinho. Talvez fosse, também, filho único, e talvez também não soubesse o porquê.

Sim, os adultos são cheios de informações que não contam, pen-

sou Bia. Todo mundo falava o quão maravilhoso era ser criança, como elas brincam e se divertem enquanto os adultos trabalham e trabalham... mas, se assim fosse, algo mais estava sendo escondido dela, pois esses adultos sempre pareciam tão seguros de si, tão decididos, enquanto ela sabia tão pouco. Como tudo era complicado e estranho, enquanto os adultos tratavam das coisas com tranquilidade e conhecimento. Além de poder ir e vir como quisessem, tinham seus carros, faziam seus próprios horários, escolhiam como tudo devia ser. Certo, Bia tinha seu próprio quarto, foi ela mesma que escolheu o papel de parede, alguns dos brinquedos... e o que mais? Um doce, de vez em quando, em uma daquelas idas ao supermercado que não terminavam nunca, horas e horas (assim parecia) andando ao lado de sua mãe, e nunca podia parar e prestar atenção aos produtos nas prateleiras, sua mãe sempre estava com pressa. Mas ganhava um bolo, às vezes, uma barra de chocolate, um iogurte – isso é, algo pequeno, mas nunca podia decidir o que iam almoçar, o que iam jantar. Os adultos sabiam que alimentos faziam bem, o que fazia mal, e ela não sabia nada disso – só sabia do que gostava e do que não gostava.

Aquele era o mundo dos adultos, afinal. As crianças obedeciam às suas regras o tempo todo. No máximo tinham alguns minutos para brincar em seus quartos, usar a imaginação, mas depois era: “guarde tudo de volta no armário antes de dormir” ou “pare de fantasiar e concentre-se na sua lição de casa”. Era o rei que só sabia mandar. Um adulto como tantos outros! Bia sabia bastante do mundo deles, obedecia suas regras o tempo todo, mas as pessoas grandes não poderiam de vez enquanto entrar em seu mundo, no mundo das crianças? Brincarem com ela, correrem de lá para cá? Sempre falam: “por que você não vai brincar com suas amiguinhas?”, mas nunca ouviu de seus pais: “por que não brinca conosco?”.

E esse príncipe que vivia no planeta, onde estavam os pais dele? Não poderia ter surgido do nada. Deveria haver algum rei, alguma rainha em algum lugar para que ele tivesse o título de príncipe... Talvez o seu planeta fosse um pouco como o quarto de Bia, talvez os pais dele estivessem em um planeta próximo, dormindo, enquanto o filho saiu e explorou o universo. Ele era como ela, uma criança, e ainda tinha tanto a descobrir! Era maravilhoso isso, o descobrimento. Tudo espantava, tudo era incrível, mesmo os filmes a que assistia eram tão coloridos e animados, com dragões e animais fa-

lantes, enquanto aqueles a que seus pais assistiam eram tão sérios e violentos... uma vez alguém disse que aquilo era “a verdade”, que os adultos sabiam bem o que acontecia no lado de fora da casa, os problemas, conflitos, e não tinham tempo para coisas fantasiosas. Mas se assim é, o que significavam aqueles jogos de futebol, as corridas de carro a que os homens assistiam? Pareciam jogos como os que ela tinha na escola, só que levados muito a sério, ao invés de ser uma brincadeira, e com poucas pessoas participando e muitas olhando. No recreio, imagina só ficar parada olhando os outros brincando! O bom é brincar junto. É um pouco como um daqueles adultos do livro, que vivem em seus planetas tristes que o príncipe visita... o geógrafo que nunca foi a lugar nenhum...

Talvez cada planeta fosse a casa de um adulto solitário, cheio de ideias chatas na cabeça. Um querendo mandar em tudo, outro trabalhando o tempo todo. Seu pai às vezes era assim, parecia que não conseguia parar de trabalhar. Todo dia ia ao escritório, voltava para casa e coloca-se à frente do computador para “colocar o serviço em dia”. Mas o serviço nunca acabava, era um ciclo sem fim. E quantos outros pais deveriam agir assim! No mundo inteiro...

Nessa hora, Bia pensou que, se o planeta do príncipe fosse como o quarto dela, ou talvez sua casa, o mundo, que às vezes diziam que era imenso, seria todo o universo. Um bilhão de estrelas no céu, milhares de cidades no país...

Criou coragem para enfrentar o frio; levantou-se e afastou a cortina da janela. No céu acima, as estrelas brilhavam, a lua iluminava o jardim com sua luz. Eram as mesmas estrelas, a mesma lua para todos – seus pais, amigos, professores, todos enxergavam os mesmos astros quando levantavam a cabeça durante a noite. Era sobre o mesmo solo que pisavam. Talvez uma estrela agora iluminasse o planeta do príncipe. A pergunta continuava: e os pais dele?

Onde estavam? Havia algum outro livro que explicasse isso? Ou, quem sabe, um livro em que ele estivesse adulto... ele também envelheceria, deixaria a infância para trás. Diziam que a infância é uma escada, que um dia chega ao fim e começa a fase adulta. Não haveria volta. Como se a criança pudesse ser superada, transformada em outra coisa. Como as borboletas, que eram antes lagartas...

Mas ela não era aquilo, nenhum ser humano era uma lagarta ou borboleta! Aquelas fotos de sua mãe, quando pequena – possuía os

mesmos olhos, o mesmo cabelo, estava diferente agora, mas não tão diferente assim. Em vários aspectos estava igual. Todos os adultos já haviam sido crianças um dia. Mas mais que isso: pensando ao reverso, o adulto que ela virá a ser não surgirá do nada, não se formará da noite para o dia, está ali, naquele momento: mas como criança. Faltam-lhe experiência, conhecimentos, seu corpo desenvolver-se mais... mas de resto tudo já estava ali. A vontade, a intenção, sua personalidade...

Sim, falassem o que quisessem: o sol, as nuvens, o vento eram os mesmos para todos, para crianças e adultos. Podiam separar um do outro como separam a esquerda da direita, mas naquele instante, aos olhos de Bia, no que realmente importa, tudo era a mesma coisa.

Então Bia sentiu seus olhos pesarem. Estava tão cansada, sentindo frio... que coisa, ter despertado no meio da noite. Quanto tempo se passara? Amanhã acordaria cedo, mais um dia de aula. De tudo que havia acabado de pensar, do que se lembraria? Provavelmente de poucas coisas. Só uma ideia ficou ecoando em sua cabeça, uma pequena descoberta que surgira: ela era como aquele menino do livro, era uma princesa, capaz de explorar todo o universo...



ELAS E EU.

A stack of several books is shown, with a teal overlay. The books are stacked horizontally, and the top book has a dark cover. The text 'EU E ELAS' is written in a bold, white, sans-serif font across the bottom of the image.

EU E ELAS

ELAS E EU, EU E ELAS

Ana Lúcia

Vive dentro de mim a mulher do povo. (...) Todas as vidas dentro de mim: na minha vida a vida mera das obscuras.
(Cora Coralina)

Zilda Isidório, vinte e nove anos e nove filhos. (...) Perguntou se eu não trazia remédios, três filhos pequeninos estavam com disenteria. Para espanto meu, disse que vira meu retrato num jornal, quis saber o que era um poeta.
(Thiago de Mello)

Sou mulher em permanente busca de momentos de poesia, janela que amplia o horizonte que a alma vê todos os dias. Posso gastar uma tarde vendo um filme. Quando vou ao teatro, me desligo do mundo, como se não tivesse compromisso com ninguém.

Tenho passado meus dias sentada escrevendo coisas sem sentido. O guia cultural é a minha agenda do mês, espero-o como se fosse um salário. Se passo de um romance a outro, é literariamente falando. Ou melhor, minha realidade era assim sem tirar nem pôr há alguns anos, na primeira versão desta crônica, quando tinha 24 anos e procurava emprego com meu diploma de ensino superior debaixo do braço. Depois de muita busca e espera, hoje, aos 29, tenho um compromisso quase diário, embora freelancer, com um site de venda de textos – minhas tardes soltas passaram a ser cada vez mais só nos fins de semana. Em vista do minguado salário, continuo morando com a minha mãe, e em vista do minguado tempo, ajudando-a apenas nas tarefas que ela me pede. Ainda me sinto uma menina que começou a se sentir mulher há muito pouco tempo. Na minha idade muitas moças já têm a própria casa, e já são mães de pelo menos um filho. Tiveram que virar mulheres na marra. Se já não tinham começado a trabalhar muito antes, tiveram que começar grávidas. Nem sempre para sustentar só a si e aos filhos. Outras têm que ser mães inteiramente sozinhas. E muitas não terminaram a escola, por diversas razões. Há as que fazem cursos técnicos à noite para

se qualificarem mais para o mercado de trabalho. O objetivo delas é sobreviver. Têm uma casa para sustentar, muitas contas a pagar todo mês. Só se dão o direito de “perder tempo” com novela, algumas nem isso. Criaturas trabalhadeiras que mesmo em casa não descansam. Têm que pegar o primeiro dos quatro ônibus do dia às cinco da manhã, para atravessar a cidade, e só voltam já de noite, mal veem os filhos durante a semana. Não têm tempo nem dinheiro para gastar, e muito menos interesse em cinema, teatro, leituras, museus – mesmo quando ganham mais e começam a melhorar de vida. Muitas nem ler direito sabem, e acham que passam muito bem sem isso. Fazem questão que os filhos estudem para que tenham uma vida melhor que a delas. Mas não sabem onde fica a livraria do shopping, pois nunca levaram as crianças lá. A biblioteca da cidade ou mesmo a biblioteca comunitária do bairro onde moram são apenas pontos de referência para ônibus ou uma rara carona – nunca se sentiram à vontade para entrar, ou sempre passaram batido. Quando falam sobre política, falam do que veem no supermercado, nas contas, na falta de oportunidades profissionais para os filhos, na violência que as atinge diretamente ou pela televisão, na fila e falta de equipamen-

tos do postinho de saúde, mas não conseguem ter uma visão muito clara do que está por trás de tudo isso – tanto que o que esperam é um salvador da pátria, não as necessárias mudanças no sistema de governo. Não se interessam em estar por dentro de notícias sobre política e economia, muitas vezes porque não entendem. Têm que se vestir de coragem e ir à luta, porque sabem que não receberão nada de graça, coisa que a vida está me obrigando a fazer só de uns anos para cá, na luta para firmar meu nome no mercado de textos, que não é fácil mesmo eu tendo crescido cercada de favores (que não deveriam ser privilégios, e sim direitos assegurados a todos). Desde então, quero sobreviver fora de casa podendo gastar todo o meu tempo escrevendo só as minhas loucuras, que ainda não dão dinheiro. Elas querem assegurar a tranquilidade de quem depende delas. Nós dividimos o mesmo medo: que falte o mínimo necessário para a contínua realização desses planos despretensiosos.

Como se vê, isso mais ou menos nos irmana. Somos da mesma espécie animal, fazemos parte da mesma paisagem, vivemos no mesmo país, temos a mesma história circulando por nossas veias, somos

afetadas pelas decisões dos mesmos governantes. Somos irmãs, sim, mas ao mesmo tempo somos tipos quase antagônicos de mulher, parece que somos de espécies distintas uma para a outra. É uma lástima que o fato de levamos vidas tão diferentes contribua, no nosso país e nas nossas visões de mundo, para nos separar em vez de nos unir. Às vezes, sem querer, começo a analisá-las como intelectual, enquanto elas me olham desconfiadas, porque sei muito pouco sobre como a vida delas funciona. Separa-nos um grande abismo – sinto que meu melhor jeito de agir no mundo e de servir ao meu país é por meio da minha palavra escrita e falada, mas isso dificilmente atingirá esse público, para quem a cultura letrada não tem qualquer significado. Assim, mesmo sem querer, acabo contrariando os versos de Cora Coralina que me servem de epígrafe agora. Apesar de alguns inegáveis avanços, nosso país, no nosso próprio imaginário, ainda é um país de iletrados – onde, portanto, se encaixam os que gostam de ler, os que fazem disso uma das necessidades fundamentais do ser humano?

Não deixa de ser uma triste ironia: foram os livros de autores como Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Thiago de Mello, Cora Co-

ralina, Carolina Maria de Jesus, Domingos Pellegrini, Rogério Andrade Barbosa, Paulo Lins e tantos outros que me quebraram barreiras para conhecer a vida de quem nunca os lerá. Eles me ensinaram que, mesmo que nossas condições de vida sejam tão distintas, somos brasileiros, deveríamos ser iguais.

Fim.

The background is a teal color with a textured, marbled appearance. Overlaid on this are various calligraphic elements in a darker shade of teal. These include large, flowing loops and lines, some resembling the letters 'O' and 'M', and a series of repeating, stylized arches at the bottom. The overall aesthetic is artistic and mysterious.

MISTÉRIO DOS

The background features a teal monochromatic palette. On the left, a large hourglass is shown, with the top bulb filled with a dark liquid. On the right, there is a detailed sketch of an elderly man with a full white beard and hair, wearing a dark, textured jacket. The overall composition is layered and artistic.

NOVENTA ANOS

MISTÉRIO DOS NOVENTA ANOS

Laura Luz

Naquele dia acordou com uma sensação estranha: estava feliz e cheio de energia. Fez um suco de laranja e comeu uma banana e ambos estavam mais saborosos do que o habitual. Foi andar no parque, cumprimentou o porteiro ao sair e, ao voltar, reparou que ele usava um casaco de lã de cor cinza. Contou para ele que na juventude mandou fazer um capote de lã com um alfaiate no centro da cidade e o tem até hoje, apesar de nunca usar. É o seu casaco mais elegante, com certeza o melhor. No elevador, cantou uma marchinha de carnaval que ouvia nos bailes dos anos cinquenta, quando tinha apenas vinte anos, e ainda arriscou alguns passos. O café da manhã estava saborosíssimo; o pão, fresco, e a manteiga parecia que tinha sido preparada naquela manhã, com leite recém-

-tirado da vaca. No banho, cantou novamente, e ainda recitou uma poesia. Leu todo o jornal, recortou as notícias mais interessantes e sublinhou os melhores trechos. Tirou um cochilo e sonhou que estava em Paris, tomando um vinho tinto e saboreando lentamente uma sopa deliciosa. Pegou um livro que estava há meses na prateleira da sala e pelo qual nunca havia se interessado. Começou a folhear. Era um romance policial da década de setenta e em poucos segundos estava mergulhado na história:

O detetive acordou às cinco horas da manhã em uma Paris cinzenta e fria para verificar um corpo encontrado às margens do Rio Sena, pois tinha sido avisado por um de seus informantes. Depois de analisar o corpo, foi abordado por policiais e teve que inventar uma rápida desculpa para explicar por que havia chegado ao local do crime antes das autoridades, já que esse caso estava fora de sua jurisdição. Ao voltar para casa, sua mulher estava preocupada. Tinha ouvido rumores.

Ele só queria tomar um vinho e saborear sua sopa e, de repente, acompanhava o melhor detetive de Paris na solução de um caso repleto de enigmas. Ainda bem que agora poderia usar novamente

o seu capote: combinava com o clima de Paris e com esse caso misteriosíssimo.

Após o almoço, encontrou o porteiro novamente. Fez questão de mostrar o seu casaco e contar sobre o detetive e toda a trama em que se envolvera nesta manhã. Contou para a mulher que trabalha em sua casa, para os filhos e os vizinhos, com quem nunca conversava. Saiu de casa e caminhou sob o sol quente por muitas horas, tentando ligar os pontos mais importantes e solucionar o caso. Cumprimen-
tou todas as pessoas que cruzaram com ele pelo caminho. Em certo momento, já a quilômetros de distância, percebeu que estava perdido. Então entrou em um conjunto comercial e pediu, gentilmente, para que a atendente de uma loja de produtos de beleza lhe chamasse um táxi.

Por volta das oito horas da noite voltou para casa suado, cansado e com muita sede. Tomou um longo banho de banheira, comeu um sanduíche e preparou um chá. A história estava em suas mãos e a partir de agora descobriria os próximos passos e viveria suas mais incríveis aventuras. Então teve uma surpresa: o detetive agora ti-

nha outro caso para resolver em paralelo, com mais pistas e novos segredos. E Paris, veja só, estava coberta de neve! Nesse momento, recebeu da mulher que trabalha em sua casa o comprimido que deveria tomar diariamente. O sono chegou de forma arrebatadora e ele decidiu se recolher. Foi um longo dia, mas mal podia esperar pelos próximos desafios.

Na manhã seguinte, ao acordar, não sentiu nada especial. O suco de laranja estava razoável, a banana também. Assim como o café, o pão e a manteiga. Passou pelo porteiro e pelos vizinhos e os cumprimentou com um leve movimento de cabeça, sem olhar ninguém nos olhos. Tirou um cochilo e não sonhou com nada. Não teve vontade de ler o jornal: as manchetes são sempre as mesmas, corrupção, celebridades, tecnologias que não servem para nada. Reparou no capote em cima da cadeira e pediu para que alguém o encaminhasse para doação, junto com outras peças de roupa que um senhor não deveria mais usar. Olhou o romance policial sobre a mesa da sala e lembrou brevemente da história que viveu no dia anterior, sem se impressionar, sem demonstrar qualquer emoção. Achou tudo uma grande besteira e resolveu dormir até que lhe avisassem que era hora do almoço.



SEU ELIZEU



SEU ELIZEU

Leomir Bruch

O carro da funerária ali parado saltou-me aos alhos assim que o vi. Ele denunciava que algo tivesse acontecido. Não havia nenhuma funerária por aquelas bandas. Não que eu lembrasse. Parei minha bicicleta incapaz de seguir meu caminho. O carro estacionado frente à biblioteca dizia-me somente uma coisa, comunicava-me o óbvio.

Pensei no Seu Elizeu, velho demais para o cargo. Sempre acreditei que as pessoas, quando velhas, se aposentassem. Seu Elizeu, o bibliotecário, não. O conheci já velho. Meu pai dizia que desde quando ele também era menino Seu Elizeu já era velho.

Seu Elizeu era meu personagem preferido entre todos aqueles livros e histórias. Diante da minha pequenez, assemelhava-se a um

gigante. Trazia amigos e conhecidos para ficarem frente à figura agigantada daquele homem, que se estendia muito acima do balcão, ultrapassando as fronteiras da nossa imaginação. Exibia-o como um prêmio. Decepção maior não existia ao ver alguém que o encarava com normalidade. Uma figura como aquela merecia respeito e admiração. Não admitia nada menos que olhares vidrados diante daquela figura exorbitantemente peculiar.

Seu Elizeu caminhava entre prateleiras da biblioteca com seus incontáveis metros de altura. Aquele era seu território. As prateleiras de livros foram sendo afastadas conforme sua circunferência crescia. Era necessário espaço para que conseguisse realizar seus movimentos tão lentos, precisos e rotineiros.

Nunca vi Seu Elizeu lendo. Mas eu imaginava. Me pegava imaginando-o imenso, numa poltrona proporcionalmente enorme, em sua casa possivelmente pequena, nas curtas horas pós-expediente, entregue a alguma história. Seria um romance Sabrina? Lia, talvez, biografias de grandes políticos ou músicos? Gostaria de romances históricos? Sorria, apaixonado, com românticos sonetos de amor? Leria HQ's e livros de piadas? Riria ao achar graça em alguma anedota lida? A anotaria em seu caderno de rascunhos?

Tentava decifrar se sua gargalhada soava grave e corpulenta preenchendo o espaço ou se seu riso era apenas anasalado, discreto como suas pequenas palavras. Me afeiçoei pelo silêncio gigante daquele homem. Temia infortuná-lo com minhas miúdas inquietações entre suas catalogações e atendimentos.

É verdade que ele também poderia detestar os livros. Essa hipótese me assustava. Quem sabe quisesse distância destes, tão presentes nas suas intermináveis horas de serviço. Poderia, ainda, não ler durante o expediente por rigor às horas de trabalho, dedicadas ao ofício. Como saberia? Bastava-me imaginar.

Qualquer história que lia ou inventava, se existisse um gigante, era com as formas de Seu Elizeu que ele me surgia. Via-o entre guerras, criando galinhas de ovos de ouro, tocando arpa, caminhando entre vales e colinas, destruindo castelos, amedrontando príncipes e cavaleiros, palitando seus dentes com o tronco das mais grossas árvores, guardando os mais preciosos tesouros.

Seu Elizeu era, também, um guardião.

Quando o descobri casado com a dona da loja de vestidos atestei minhas ficções. Ela costurava vestidos de noiva, de formatura, roupas

de princesas. Bordava brilhante por brilhante, tecia as mais bonitas fantasias. Não tive dúvidas: era conto de fadas. O gigante e a fada madrinha.

Haveria algum livro, naquelas prateleiras, em que coubesse tamanha história amor?

Afastei-me das minhas memórias. Empurrei, estarrecido, minha bicicleta ao seu espaço reservado, logo ao lado da porta.

Nesse momento, o homem da funerária, trajando seu uniforme fúnebre, saiu da biblioteca, porta afora, sozinho e sorrindo. Carregava um livro erótico debaixo do braço, novo companheiro do final de semana que se avizinhava. Livrá-lo-ia das horas de tédio e solidão nessa cidade em que poucos vivem e, também, poucos morrem.

Despi meu medo e adentrei aqueles portões. Encontrei Seu Elizeu atrás do balcão-muralha. Cumprimento pequeno e pontual. Respondeu aliviado e feliz. Quem sabe tenha demonstrado euforia. Encontrava meu personagem preferido, recém-morto na minha ficção, ocupando seu posto de eterno guardião.

Agradeço. Ainda é possível imaginar.



SOBRE CATADORES

E

A bouquet of daisies in a vase, overlaid with a teal color filter. The flowers are in various stages of bloom, with some showing their dark centers and light petals. The background is a textured, slightly mottled teal color.

CONTADORES

SOBRE CATADORES E CONTADORES

Ross Vieira

Eles fazem parte da paisagem urbana de Curitiba. São muitos e muitas a perambular pelas ruas dessa capital fria e úmida que o Sol pouco visita.

Logo cedo já é possível encontrá-los examinando calçadas e revirando sacos de lixo à procura de ricos restos de outras gentes. Serve todo tipo de coisa: papel, papelão, plástico, sapatos, roupas... qualquer material que se possa vender, mas que também se possa usar ou dividir com outros que também carecem. E não pense, leitor, que o trabalho termina cedo. Em noites mais amenas, andam no escuro, meio a tatear, na esperança de encontrar mais alguma coisa para encher o vazio do carrinho.

No singular não, no plural, pois são tantos e de tantos tipos e tamanhos que seria possível um desfile alegórico. Alguns são orga-

nizados com capricho, enfeitados com flores de plásticos e laços de presentes, ausentes. Outros, altos como edifícios com rodas, equilibrando tudo de um jeito que sempre seja possível caber mais alguma coisa, um objeto, uma esperança... carrinhos movidos à força humana porque cavalos estão proibidos.

Com frequência, no caminho de casa, no sinaleiro da esquina, encontro um desses. Sempre o mesmo. Ele me hipnotiza porque em meio à pilha de papelão e tralhas dorme uma criança, enquanto a mãe pede: _ uma ajudinha, por favor!

Mas outro dia foi diferente. A criança não dormia; acordada, chorava. Parei para observar.

Era uma menina. Não devia ter mais do que quatro anos. O cabelo encaracolado caía sobre o rosto sujo. O nariz escorrendo e os olhos vertendo lágrimas molhavam o vestidinho encardido. A mãe, no sinal, pedia. O motorista do carro branco joga uma moeda que cai no chão e ela mais que depressa apanha. Muitos outros param e seguem enquanto a menina chora.

De repente, a mulher esquece os carros e olha para a menina. Olhar de enxergar. Pega a menina no colo e a coloca sentada, encos-

tada ao muro de uma das casas da rua. Vai até o carrinho, levanta o papelão do canto esquerdo e pega um livro de história. Delicadamente alisa a capa que, mesmo faltando um pedaço, ainda permite reconhecer o título.

Ela se senta ao lado da menina e como se a paisagem se transformasse num outro lugar, abre o livro e, com uma voz serena e clara, começa a ler para a filha. Lê as imagens de tal forma que era possível acreditar que aquela história estava realmente escrita no livro. A menina, que já não chora, ouve com fascínio e encantamento, olhos vidrados nos delicados traços das ilustrações, quem sabe a imaginar que o mundo de verdade seja aquele.

Quando a história acaba, mãe e filha se olham e como se resgatasse um ritual, a mãe fecha o livro, alisa novamente a capa e o guarda embaixo do papelão, no canto esquerdo do carrinho, como um tesouro. Acomoda novamente a menina em seu lugar e erguendo o carrinho com o corpo, começa a puxá-lo rumo a outro destino. Nesse momento nossos olhos se encontram e fico constrangida, mas, como me fizesse cúmplice, ela sorri e segue. Enquanto elas se afastavam, fico ali, parada, sem saber que rumo tomar, até que olho e não as vejo mais.



1

5

8

9

10

3

7

2



A hand holding a smartphone is the central focus, set against a teal background with a faint, repeating floral pattern. The phone's screen is dark and mostly blank. The text 'SOBRE VOCÊ' is overlaid in a white, bold, sans-serif font. 'SOBRE' is on the top line, and 'VOCÊ' is on the bottom line, positioned to the right of 'SOBRE'.

**SOBRE
VOCÊ**

SOBRE VOCÊ

Laura Luz

Depois de meses sem se encontrar, duas amigas sentam-se à mesa de um bar para falar de tudo um pouco: planos, ex-colegas de trabalho, viagens. Mas, antes, uma delas diz:
Não consigo ler.

Como assim?

É, não consigo, parece que ler me faz perder tempo. A sobrancelha da outra se contrai sem muita expressão.

E você? Consegue ler? – continuou.

Sim. Estou relendo *Madame Bovary* e começando, ao mesmo tempo, o último livro do Cortázar. Sabe?

Sei – respondeu em seco sem acreditar em uma só palavra que a outra havia dito.

Naquele dia ela acordou cansada, com o rosto inchado e olheiras enormes. Na noite passada, tinha tomado dois drinks de gin com limão e fumado dez cigarros. Esqueceu de tirar a maquiagem que agora estava borrada por todo o rosto. O cabelo estava oleoso, não dava tempo de tomar banho. Chegando no trabalho, sentou, olhou os e-mails e reparou que sua pauta estava meio vazia. Tinha café passado e pão francês com queijo e presunto na mesa. Ela passou requeijão e colocou várias fatias de cada dentro do pão, rapidamente; adoçou o café com três colheres cheias de açúcar, deu uma mordida no pão e perguntou, de boca cheia, se tinha leite. Ninguém respondeu.

Abriu o celular pela décima vez desde que acordou. Então viu a foto de um amigo em um barco em Amsterdam, abraçado a pessoas desconhecidas, que sorriem, em meio a várias garrafas de espuman-

te. Pensou o quanto gostaria de viajar também, encontrar amigos, tomar cerveja sob o sol, comer algo bem saboroso e comprar uma roupa que só encontraria em uma loja no exterior. Abriu a pasta de fotos no celular e procurou uma para postar também. Mas não tinha nada: há várias imagens em sequência de um prato de comida que ela resolveu registrar porque a banana à milanesa parecia um nariz. Olhando novamente, não era mais tão engraçado.

Tinha também o *print* da última fatura da conta de luz, além de uma foto de si mesma na frente do espelho do banheiro, tirada na semana passada. Aquele dia estava se sentindo bonita. A última era a foto de um livro com capa de tecido, edição limitada, que está há meses ao lado da sua cama e com cinzas de cigarro por cima.

Trabalhou até as dezenove horas neste dia, saiu para fumar várias vezes, conversou com o porteiro sobre o tempo e perguntou para a sua colega mais próxima se ela poderia fazer uma trança em seu cabelo. Ela não podia. Leu um texto sobre a dificuldade de encontrar verdadeiras amizades nos dias atuais, assistiu a um vídeo sobre alimentação saudável e outro sobre equilíbrio mental.

Comprou pastel de carne com queijo no meio da tarde e encontrou uma vizinha no ônibus enquanto voltava para casa. Não conseguiu encontrar nenhuma fotografia boa para postar. Sua casa estava bagunçada, tinha louça de vários dias na pia, sobras nas panelas e uma pilha de roupas para lavar. Na estante da sala, livros empoeirados disputavam espaço com as poucas plantas que ainda sobreviviam. Finalmente tomou banho, ouvindo música alta. Água quente, cheiro de sabonete, toalha seca. Sentou no sofá sem se enxugar e persistiu na busca pela foto.

Levantou rapidamente, passou hidratante no pescoço e nos braços e raspou as axilas. Colocou um vestido vermelho, uma bota de couro; prendeu os cabelos molhados, passou base, batom, blush e rímel. Escovou os dentes e deixou na escova o batom que havia acabado de passar. Chamou um táxi, colocou na boca uma sobra de macarrão à bolonhesa que estava na geladeira e saiu, mastigando, sem levar o casaco que tinha separado.

Conversou com o taxista e descobriu que faziam aniversário no mesmo dia. Perguntou se ele também gostava de comer e dormir. Concordaram e riram. No silêncio que seguiu, procurou novamente

uma foto para postar e acabou achando que aquela com a capa do livro era uma boa opção, afinal era escritora e tinha tudo a ver com ela. Colocou um filtro especial e preparou uma legenda. Então lembrou que quem lhe emprestou o livro havia dito que esperaria que ela acabasse de ler para que voltassem a conversar.

Este livro é sobre você – disse a pessoa naquela ocasião.

Desceu do carro, pagou o que devia ao motorista do táxi e caminhou até o bar. Sua amiga já esperava. A amiga disse que estava solteira. Pediu uma porção de batata frita e um hambúrguer para celebrar a nova fase, foi o que disse. Também pediu licença para responder à mensagem da sua mãe e aproveitou para responder duas outras pessoas, uma querendo comprar o fogão velho que havia colocado à venda e outra perguntando se ela queria ir ao show de um grupo de música latina. Sentiu dor no estômago e tomou um omeprazol junto com a cerveja da amiga. Reclamou que a comida estava demorando, pensou novamente em postar a foto do livro, que agora já estava editada, e então disse:

Não consigo ler.



LÉO

UMA PESSOA LÊ O JORNAL

Gustavo Vazquez Ramos

Entrando no ônibus às cinco e meia da manhã, João estava sempre tão adormecido que agia por costume: os pés galgando os degraus, a mão no bolso para tirar o dinheiro, soltando as moedas nas mãos do cobrador... quarenta minutos até chegar ao trabalho, no centro da cidade. Usualmente estava em um estado tão letárgico que mal pensava. Às vezes, nas imagens que lhe percorriam a cabeça quando estava entre o sono e a vigília, enxergava pessoas e situações banais, simples. Quando o veículo freava bruscamente ou fazia uma curva mais fechada, acordava, admirando-se de onde aquelas ideias surgiam. E passava o caminho assim.

Naquele dia, porém, no banco vazio ao seu lado alguém havia esquecido um jornal. Era do dia anterior. Abriu uma das páginas:

seção esportiva. Uma notícia na parte inferior da página falava sobre uma mulher chamada Mayara, trinta e três anos, ainda presa aos trâmites legais de uma separação – esteve oito anos casada, não teve filhos – enfrentando o que chamam de “obsolescência do atleta”: jogadora de vôlei desde os oito anos de idade, chegou a ganhar medalhas olímpicas antes de completar vinte e cinco anos, quando uma fratura no tornozelo pôs fim à sua carreira de atleta profissional. Surge a questão: o que faço a partir de agora? E a resposta foi uma bastante corriqueira: estudar, casar (com outro atleta, esse ainda em atividade). Agora que está separada, quer dar aulas de vôlei para futuros atletas.

João confessou para si mesmo que não era um homem atlético. Gostava de seu futebol ocasional com os amigos. Mas se machucar assim era coisa de outro mundo. Mudou a folha. A bolsa de valores caiu dois por cento – nunca entendeu disso, muda a página. Um político trocou de partido, muda a página. Conflito no Oriente Médio... Em outra matéria, a história de Guilherme R., um celibatário convicto. Não era uma pessoa feia – na verdade, sua constituição física e cor de pele, ligeiramente bronzeada, era atrativa; sua voz era bonita,

grave, e passava confiança (de acordo com a matéria). Era inevitável que algumas garotas e, por que não, garotos, quisessem estar junto daquele jovem, e Guilherme só queria ficar sozinho. Havia decidido isso muito cedo, na casa dos dez anos de idade. Um psicólogo chamava isso de assexualidade. Era algo mais comum do que se imaginava. Há casais apaixonados que não fazem amor, e são muito felizes assim, mas logo, na matéria, surgiu um segundo psicólogo argumentando que um casal sem sexo é infeliz e ponto final.

Guilherme novamente: ele dizia que qualquer convivência com outra pessoa que fosse mais íntima do que uma amizade trazia enorme desconforto. Com amigos, ao redor de uma mesa na cantina da Universidade, poderia falar sobre tudo e sobre todos – inclusive de si mesmo. Sim, poderia até mesmo falar isso: que era um celibatário e que não sentia alegria em uma vida íntima com outra pessoa.

João se perguntou se conhecia alguém assim. Tinha um rapaz no trabalho... um vizinho... mas, que importa? Em outra página, um escritor de crônicas falando sobre seu processo criativo: “escrevo o que vejo”... De onde essas pessoas vinham? Estão por aí, prontas para serem descobertas por um repórter de jornal e transformadas em

notícia? Outra página: os quadrinhos. Outra página: o problema das pessoas que gastavam muito tempo dentro do ônibus para irem ao trabalho.

Isso saltou aos olhos de João: era sua vida escrita ali. Todo dia, quarenta minutos para ir, quarenta para voltar. Isso sem contar o tempo que gastava até chegar ao ponto de ônibus, ou quando o motorista atrasava. A matéria falava das pessoas que precisavam fazer baldeação – o problema multiplicado por dois, três. As pessoas que viviam no que chamam de “cidades-dormitórios”, onde não há um cartão postal para ser vendido para turistas.

João sentiu que estava mais cansado do que o habitual. Fechou o jornal, fechou os olhos, buscou descansar. Na sua mente, uma história de jornal surgia, poderia muito bem estar na edição do dia seguinte. Pois era: três irmãos, cada um de um pai diferente; a mãe em algum negócio na margem do lícito (havia sido presa quando jovem e, embora estivesse mais cautelosa, ainda não conseguia largar a vontade de tentar extrair vantagens em tudo), mudando de cidade constantemente; primos e tios que iam de marginais a estelionatários. E os filhos, todos jovens, querendo uma outra vida, uma vida justa, longe da criminalidade, trabalhando...

O ônibus fez uma curva fechada e João despertou. Que susto, quase dormiu! Não poderia perder o seu ponto. Respirou fundo. Agora estava alerta, e ainda faltavam uns bons quarteirões para chegar. Mesmo assim, espantou-se consigo mesmo: uma ideia maravilhosa surgira. Completamente lúcido, vislumbrava em sua mente a matéria jornalística ideal. Era a quintessência do jornalismo, o texto que resumiria todas as notícias, ao mesmo tempo o alfa e o ômega. E consistia em apenas uma frase, com não mais que cinco palavras: “Uma pessoa lê o jornal”.

AUTORES

DEATH SENTENCE

The jury found a confession meaning the and the jury plectic fit."

DEATH SENTENCE
fold an inquest
upon the body of
born in New-Ye
years, was slain
with last, in a fit of
few hours, shot from
was resolved in necr

ES A Bloomer
In Shilo-venne day
"Ctate employees" man
great! e and emish by
pede to have fierce a
take responsibility and
breakdown, and how to

ANA LÚCIA DE PAULO SUPERCHINSKI



Jornalista formada pela PUCPR, considera que a parte mais importante de seu trabalho é escrever sobre artistas que admira. Também é assessora de imprensa, pesquisadora e atriz da Companhia de Teatro Palavração da UFPR e do Grupo Folclórico de Boi-de-Mamão BoiNinho. Participou da coletânea de contos *Voejo*, publicada em fevereiro de 2019 pela Têmpora Editora. Vive em Curitiba, onde também nasceu.

Dedica esta publicação a seu pai e grande incentivador, José Roberto Superchinski, *in memoriam*.

Texto:

Elas e eu, eu e elas Página 41

GUSTAVO VAZQUEZ RAMOS

Graduado em Filosofia e mestrando em Literatura, publicou seu primeiro livro em 2010, a coletânea de contos *As compensações*. Publicou também os livros infantis *Tito, o gato* (2013), *Tito e Tuli* (2015) e *A aprendiz de alfaiate e o dragão* (2017). Em 2018, lançou o livro-jogo *Cercado por mortos* e, em 2019, participou da criação do RPG *Rapsódias*. Participou de coletâneas, escreveu roteiros para curtas-metragens e fez traduções. Vive em Curitiba com sua esposa, filha e gata.

Textos:

A entrevista Página 9

Contemplação Página 31

Uma pessoa lê o jornal Página 81

ADRIANA BARRETTA ALMEIDA



Nascida em São Paulo, em 1973, é curitibana de coração desde 2003. Estudou Letras e Artes Visuais e segue aprendendo com as pessoas com quem convive. É mãe do Thomas, de dez anos. Escreve porque é seu jeito de respirar o mundo. Publicou os livros *A Última Folha* (2017) e *Poemear de Pernas pro Ar* (2018), além de ter participado de antologias de poesia e prosa.

Texto:

Bicho Página 25

LEOMIR BRUCH

Natural de Palotina, interior do Paraná, é artesão da palavra e contador de histórias mambembe, formado em Letras Português/Espanhol pela Unioeste. É responsável pela Expedição Viramundo, projeto itinerante de contação de histórias – uma viagem literária pelo interior do Brasil e de sua gente. Em 2019, lançou seu primeiro impresso autoral, o zine *Chama*, e publicou o texto *Às encantadas*, pela Coletânea Sesc de Contos Infantis.

Texto:

Seu Elizeu Página 59

ROSS MARY CAPRIOTTI STRANO VIEIRA



É autora e editora de materiais didáticos e de livros de literatura infantil, professora de pós-graduação e de cursos livres de literatura infantil. Licenciada em Letras Inglês pela UFPR e em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano, tem pós-graduação em Educação Infantil e Alfabetização, Informática na Educação e Literatura Infantil e em Contação de História. Estuda e pesquisa a primeira infância e o universo da literatura infantil porque acredita na potência da infância e das histórias.

Textos:

Agatha Christie Página 19

Sobre catadores e contadores Página 69

LAURA HENZ LUZ

Formada em Jornalismo, trabalha como redatora, revisora e fotógrafa. Dedicou-se a estudar fotografia, marketing, história da arte e filosofia, com foco em direitos humanos. Desde criança, teve contato com vários campos da arte, como música, fotografia e literatura. Esse ambiente plural em que cresceu lhe abriu caminhos para descobertas e ajudou na formação de uma bagagem que pretende levar para a vida toda.

Textos:

Mistério dos 90 anos Página 53

Sobre Você Página 75

CRÔNICAS SELECIONADAS NO CONCURSO COTIDIANO LEITOR

Foi impresso no papel pólen 80g, com os Minion Pro Cond 12/17 e
The Foregen Rough On 26/31, na Gráfica Capital, Curitiba - PR,
para a Editora Insight, em Novembro de 2019



ISBN 978-85-62241-82-6



9 788562 241826